

Cantos e Cantatas

de Bocage

CANTOS

I

À PURÍSSIMA CONCEIÇÃO DE NOSSA SENHORA

(Recitado na Academia de Belas-Letras de Lisboa em Dezembro de 1790)

Profana lira, a moles sons afeita,
Vil instrumento, minha mão te enjeita.
Caducas perfeições, servis amores,
Não mais, não maculeis os meus louvores.
Tu, doce chama, angélica ternura,
Que o Criador envia à criatura,
Ó dádiva celeste, ó dom do Imenso,
Com que aterramos Satanás infenso,
Com que a tormenta das paixões se acalma,
Baixa dos Céus e purifica esta alma.
Eis desce, eis desce, não me engano, é ela!
Agora sim, que posso, ó virgem bela,
Enxugar criminoso, indigno pranto,
E a teus ouvidos elevar meu canto.
Profana lira, a moles sons afeita,
Vil instrumento, minha mão te enjeita.

Inda no horror do Caos ou do Nada
Jazia a Natureza inanimada;
Inda na vasta região dos ares
Os grandes, os pasmosos luminares,
Que o Pólo aclaram, que os viventes guiam,
Que as ondas abrilhantam, não luziam,
E já Maria, para Deus guardada,
Na ideia omnipotente era criada.
Ah!, cante-se o prazer, cante-se a glória
Do Céu, da Terra; aclame-se a vitória
Da imaculada Virgem sacrossanta,
Daquela que te impôs a invicta planta,
Tartárea Serpe, na cerviz medonha,
Ficando ileza da infernal peçonha.
Lá vejo os Pais comuns, que o monstro oprime,
Lá caminha o Remorso após o crime,

Lá oiço a voz horrísona do Eterno,
Que faz tremer a abóbada do Inferno.
Deus grita, Deus pergunta: «Ingratos, como
Vos atrevestes ao vedado pomo?
Quê?! Pretendíeis ombrear comigo?!
Da vossa rebeldia eis o castigo.
Do Éden minha justiça vos desterra,
Ide habitar a miserável Terra.
Ela, avarenta, Adão, jamais enxutos
De teus suores te dará seus frutos.
Tu, crédula mulher, que o seduziste,
Com dor produzirá, e o duro, o triste
Padecimento, a que ambos vos condeno,
E que a tão grave culpa inda é pequeno,
Grassará com terrível igualdade
Pela vossa infeliz posteridade.»

Oh, sentença fatal! Oh, cruel sorte!
Herança horrível! O pecado! A morte!
Já principiam a ferver na Terra
A Soberba, o Furor, a Inveja, a Guerra;
Da vítima primeira o sangue corre:
Abel, o grato ao Céu, lá cai, lá morre
As mãos perversas de Caim maldito,
E aos astros sobe da Inocência o grito.
pune fulmina os monstros do pecado
O braço vingador de um Deus irado.
Ele as etéreas cataratas solta,
Paternos olhos a Noé só volta.
Cai a torrente, em atras nuvens presa,
E agoniza, boiando, a Natureza.
Que espectáculo, oh, céus! Que horror! Que espanto!
A negra estância do contínuo pranto
O proscrito Universo representa
Na pavorosa, na geral tormenta,
E o divino furor, inda não pago,
Arroja sobre os homens novo estrago:
Ele, Babel sacrílega, te arrasa,
Ígneo chuva, ó Sodónia, te abrasa,
Aqui e ali, silvando, o raio voa;
Mas o terrível Deus enfim perdoa.
Vê com piedade o mundo agrilhado
Pelo tirano, contra nós armado,
Que rege as trevas do medonho Inferno,
Que ceva as fúrias em tormento eterno.

Remir-vos, ó mortais, do cativoiro
Eis que resolve o númen justiceiro;
Fecundada por ele idosa planta,
Brota o celeste fruto, a pura, a santa,

Cujo louvor os serafins entoam
No refulgente empíreo que povoam,
E cuja Conceição, por Deus obrada,
Da mancha universal foi preservada.
Virgem depois de mãe, mulher bendita,
Debalde o torvo Lúcifer vomita
Contra ti do espumante, horrível seio
O veneno letal, de que está cheio;
Contra *ti* seu furor em vão despede,
A teu alto poder o monstro cede;
Tu lhe calcas a fronte ameaçadora,
Que erguera para Deus; tu, vencedora,
Por terra deixas o dragão danado,
Que nos Infernos cai desesperado,
Arremessando ao Céu com voz blasfema
Hórridas pragas contra a mão suprema.
Esposa, Filha e Mãe Omnipotente,
Íris de paz à deplorável gente,
Depósito inefável da pureza,
Que honraste a nossa frágil natureza;

Do Deus-Homem digníssimo sacrário,
Que os tesoiros sem fim do eterno erário
Resumidos conténs nas graças tuas;
Que outros sóis, outros astros, outras luas
Invisíveis a nós, lá vês, lá pisas
No almo, nítido Céu: tu divinizas
Meus versos, dedicados até'gora
A vãos prestígios, que a fraqueza adora.
Ah!, dos teus olhos um volver piedoso

Desarme, ó Virgem bela, o justo
Ente imortal, que os ímprobos fulmina;
Apaga o raio, que na mão divina
A prumo sobre a fronte me chameja
A quem te invoca teu favor proteja.

E vós, sábios Alunos, que obtivestes
Tão vasta profusão dos dons celestes,
Fecundas mentes, o calor sagrado
Exalai neste dia abençoado,
Dos lábios entornando as frases de oiro,
Com que tendes ganhado o Aónio loiro.

II

À IMACULADA CONCEIÇÃO DE NOSSA SENHORA

(Recitado em sessão pública da Academia de Belas-Letras de Lisboa em Dezembro de 1791)

Laus et gloria sit tibi, Sonda Trinitas, quae omnes nos ad hanc celebritatem convocastis.

De Sermone Sancti Cyrilli. Episcopi Alexandriae, in *Homilia contra Nestorem*

Rasga o seio da Terra e desce, ó Musa,
À masmorra, onde os réprobos arrastam
Sempiternas, horríssonas correntes...
Que pavorosa confusão rodeia
O praguejado trono ao rei das sombras!
Seus torvos cortesãos como esbravejam
Nos sulfúreos vulcões que o Orco exala!
A negra Inveja que alarido arranca
Das carcomidas fauces!
Veneno em borbotões, lágrimas suas,
O carão cor da noite ao monstro escalda!
A Desesperação lhe jaz ao lado
E no raivoso coração lhe enterra
De quando em quando as lacerantes garras.
Não longe dela a túrgida Soberba
Nas mãos ostenta ainda
Abominável plano,
A cuja execução guiou, bramindo,
Rebeldes legiões, que em vão tentaram,
Sacudir da cerviz o jugo eterno,
Tocar o Omnipotente,
Roubar-lhe o raio, derribar-lhe o sólio.
Do antigo pasto seu nunca enjoado
O abutre, que devora a natureza,
Às Fúrias lá preside,
As indómitas Fúrias, que negrejam
Sobre os amplos degraus de ferro em brasa,
Hórrida estrada ao detestável trono.
Ali Satã, fervendo em labaredas
De raiva inextinguível,
Tortuoso dragão, que tem por ceptro,
Na mão cruenta esmaga,
Retorce os olhos, que dardejam peste,
Meneia a fronte e co'um terrível brado
Ao tartáreo tumulto impõe silêncio.
Pela tórrida abóbada ribomba

O trovão repentino;
As melenas das Fúrias se arrepiam
E as entranhas do Báratro estremecem.
«Desesperadas vítimas daquele
Que reina, a meu pesar, sobre as estrelas
(Diz aos seus o infiel), vítimas tristes
Do poder, que despótico aferrolha
No cárcere da morte altas essências
Criadas para o Céu, donde caíram:
Inda tantos horrores não bastavam,
Inda a pesada mão, que nos oprime,
Achou leve o suplício em que penamos!...
Oh, lembrança pior que quantos males
No bojo abrasador contém o Inferno!
Apenas arrojados nestas furnas,
Nova e mais que terrífica vingança
Fulmina contra nós o Irresistível;
Não que mande roncar trovão medonho,
Não que maneje o rápido corisco:
Quer dar-nos outra espécie de tormento,
E sobre nossas fronte Descarrega
O peso enorme de perpétua afronta.
Seu hálito, seu braço à vil matéria
Dão forma, vida, inteligência, graça,
E inefáveis delícias no Éden puro;
Bem que ao nosso furor não foi vedada
A sagaz tentação que apodrentando
Na raiz fraca o tronco desprezível,
Faz grassar o contágio
Por todos os seus ramos, e os submete
Ao jugo do pecado, à lei da Morte:
De herdada corrupção contaminados
Ficam todos enfim... Mas ah!, não todos,
Que um deles escapou do estrago horrendo,
Um só deles, um só... Maria! Ó nome,
Que no império de fogo, em que domino,
Me aterras como o raio inevitável,
Que arder senti na atónita cabeça
E cuja cicatriz inda conservo!
O Númen vingador na imensa ideia
Já tinha antes dos tempos excluído
Da geral, triste herança
A mulher portentosa,
Que intacta produziu o etéreo fruto,
O Filho redentor, que desde os astros
Armado de pavor e onipotência,
Nos despenhou no abismo onde jazemos.
Resolução fatal à nossa fúria!
Ele os homens adopta, ao pai se of'rece
Expiadora vítima do crime,

De que via infectada a humanidade.
Nas asas dos espíritos celestes
Desce ao mundo e, vestido o térreo manto,
Eis começa a limar da culpa os ferros.
Espessa multidão, que ao Verbo atende,
Já principia a praguejar meu nome,
E a nova lei nas almas se lhe arreiga.
Debalde (oh, raiva!) aos ímpetos do Inferno
Os corações incrédulos cederam,
Erigindo patíbulo afrontoso,
Onde sofresse voluntária morte
Ele, a hóstia de paz e de aliança.
Ah! Seu sangue lavou a antiga nódoa,
Que os terrestres espíritos manchara;
E que assombros, que espantos, que prodígios
O cruento espectáculo seguiram!
Súbito em dois se fez o véu do templo,
A ordem se alterou da Natureza,
Do férreo sono os mortos despertaram,
Sumiu-se a luz do Sol no horror das trevas;
E a Terra em convulsões, e o Pólo em chamas
Fizeram logo autêntico o deicídio.
Hoje no livre mundo é memorado
O grão princípio do comum resgate;
Lá soam ledos cânticos festivos,
Que, voando às estrelas, acompanham
Tépidas nuvens de sabeu perfume.
Maria, abençoada entre as mulheres,
Àquele universal, canoro aplauso
Serve de objecto; os homens lhe consagram
interna adoração: «Tu és (exclamam)
A flor sagrada e pura,
Em que pousou o espírito divino;
A salvação por ti desceu ao Mundo;
No eterno pensamento omnisciente,
Teu ser, ó Virgem, precedeu aos evos.
Como cedro no Líbano exaltada,
Qual rosa em Jericó. tu resplandesces
Mais que o Sol no zénite, aceita, acolhe
Em teu piedoso ouvido humanas preces!”
Oh, desesperação! E eu pronuncio
No louvor de Maria a minha injúria!
Eu, que...» Vibrar sacrílega blasfémia
Ia o monstro infernal, mas na garganta
A voz achando obstáculo, recua.
Por lei do Omnipotente, e enquanto freme
A danada caterva, a densa turma
No vasto horror da lóbrega morada
(Onde tu, Maldição, resides sempre),
Os querubins no Céu, na Terra os homens

Em crebros hinos à porfia exultam.

III

À admirável intrepidez com que no dia 24 de Agosto de 1794, subiu o capitão Lunardi no balão aerostático

Que brilhante espectáculo pomposo
A meus olhos atónitos se ofrece!
Da alta Ulisseia o vulgo numeroso
Já no amplo foro de tropel recresce:
Soa o márcio concerto estrepitoso,
Que o sangue agita, os ânimos aquece;
Assoma aos ares neste alegre dia
Raro prodígio de arte, e de ousadia.

O Tejo as ondas cérulas aplanava,
Das ledas filhas cândidas cercado,
Vibra o tridente azul coa dextra ufana,
E rebate a braveza ao norte irado
Contemprar em silêncio a audácia humana
Quer, inda que a portentos costumado;
Quer, encostando a face à urna de ouro,
Ver brilhar, ó Ciência, o teu tesouro.

Lá surge ao vasto, ao fluido elemento
O globo voador, lá se arrebatava
Sobre as asas diáfanas do vento,
E pelo imenso vácuo se dilata 1.,.
O pássaro feroz, voraz, cruento,
Quando rápido voo aos céus desata,
Quando as nuvens transcende, e Febo afronta,
Da terra mais veloz se não remonta.

Portentoso mortal, que à suma altura
Vás no etéreo baixel subindo ousado,
Que ilusão, que prestígio, que loucura
Te arrisca a fim tremendo, e desastrado?
Teu espírito insano, ah! que procura
Pela estrada do Olimpo alcantilado?
Não temes, despenhando-te dos ares,
Qual Ícaro infeliz, dar nome aos mares?

Não temes (quando evites o espumoso
Campo, que é dos tufões teatro à guerra)
Não temes que num baque pavoroso
Teu sangue purpureie a dura terra?
Tentas, qual Prometeu, roubar vaidoso
O sacro lume, que nos Céus se encerra?
Ah! Não faças tão medonho ensaio:
Ou teme o precipício ou teme o raio.

Mas para que pasmado, e delirante,
Brados, e brados pelos ares lanço.
Se apenas do fenómeno volante
Goa vista perspicaz o voo alcanço?
Enquanto grito. o aéreo navegante
Seu rumo segue em plácido descanso,
Munido de ciência, e de constância,
Surdo à vos do terror, e da ignorância.

Gamas, Colombos, Magalhães famosos,
Eternos no áureo templo da Memória,
Sirtes domando, e mares espantosos.
De assombros mil, e mil dourais a História;
Mas ir dar leis aos ares espaçosos
É triunfo maior, e até nuns glória,
Porque não ires à louca, à cega gente
Os males de que sois causa inocente.

Lá onde a leia Inveja desgrenhada
Ao Mérito não move horrível guerra
Nem sobre chusma inerte, e desprezada
Cospe o veneno, as víboras aferra
Lá na ditosa, e lúcida morada,
Defesa aos vícios, de que abunda a Terra,
Guardai da glória no imortal tesouro
O nome de Lunardi em letras de ouro.

Que importa que no centro de Ulisseia
A luz, claro varão, não fosses dado?
De um frívolo acidente a louca ideia
Tenha embora poder no vulgo errado:
Que eu te consagro a dádiva febeia
Qual se berço comum nos desse o fado;
Longe, vãs prevenções de homem grosseiro;
O sábio é cidadão do mundo inteiro.

Mas tu, cantor de Augusto, e de Mecenas,
Roga a Jove te anime as cinzas frias,
E de alvo cisne renovando as penas
Desperta o sacro fogo em que fervias:
Desce às montanhas floridas, e amenas,
Onde revivem de Saturno os dias;
Dali canoro entoa o nobre metro,
E em honra de Lunardi exerce o plectro.

De tornar-lhe perene a digna fama
Só tu, só tu convéns à grande empresa;
Vem vê-lo ardendo em gloriosa chama,
Sup'rior ao poder da Natureza:

Para novos prodígios punge, inflama
Seu ânimo; e coa voz em estro acesa,
Supre-lhe ó vate, os bronzes, e alabastros;
Depois com ele voltarás aos astros.

Intrépidos mortais, oh, quantos mundos
Até'gora escondidos, e ignorados,
Ireis pisar, afoitos, e jucundos,
Pelos etéreos campos azulados!
Não fraquejeis, espíritos profundos,
E na pasmosa máquina elevados,
Ide incensar entre os sidéreos lumes
O congresso imortal dos altos numes.

É pouco para vós o mar, e a Terra;
Sim, a mais vos conduz o instinto, a sorte,
Ilustrados varões, enquanto a guerra
Rouba, estraga, horroriza o Sul, e o Norte;
Enquanto as negras fúrias desencerra
Do tenebroso Inferno a torva morte,
Vinde à soberba fundação de Ulisses,
Entre o povo feliz viver felices.

Renovai-lhe espectáculos gostosos,
Exulte a curiosa Humanidade
Sobre os campos de Lísia venturosos,
Vestidos de serena amenidade:
Fugi, fugi aos climas desditosos
Onde, exposta à voraz ferocidade
De monstros de impia garra, aguda presa,
Estremece, desmaia a Natureza.

E tu, que da loquaz Maledicência
Tens açaimado a boca venenosa.
Tu, que de racionais, só na aparência,
Domaste a mente incrédula, e teimosa:
Das fadigas, que exige árdua ciência,
Foi vivas perenais o prémio goza,
E admira em teu louvor estranho, e novo
Unida à voz do sábio a voz do povo.

CANTATAS

I

À PURÍSSIMA CONCEIÇÃO DE NOSSA SENHORA

(Recitada na Academia de Belas-Letras de Lisboa em Dezembro de 1792)

Que espectáculo, ó Céus! Eu velo! Eu sonho?
Que diviso! Onde estou! Purpúrea nuvem
Ante os olhos atónitos me ondeia
E chuviros de luz despede à terra!
Mais bela que o fulgor que ao Sol percorre,
Alta matrona augusta
Do vapor luminoso,
Que os zéfiros mantêm nas ténues plumas,
Quão risonha contempla o baixo mundo!
Áureas estrelas congregadas brilham
No rútilo diadema,
Que a fronte majestosa lhe garante;
Áureas estrelas semeadas brilham
Nas roçagantes vestes
Cor do estivo clarão que filtra os ares!
De alados génios cândida falange
Reverente a ladeia,
E, pelas niveas dextas balançados,
Pingue, fragrante aroma, em honra à diva,
Os fumosos turíbulos derretem...
Mas que feroz dragão lhes jaz às plantas,
Sangue a boca medonha, os olhos fogo!...
Rábido arqueja, tímido sibila,
Baldadas forças prova
Contra o pé melindroso
No colo inerme, na cerviz calcada,
Que rubras conchas escabrosas foram:
Enrosca, desenrosca a negra cauda,
E em hórridos arrancos desfalece...
Oh, triunfo! Oh, mistério! Oh, maravilha!
Oh, celeste heroína! A sacra turma,
Os entes imortais que te rodeiam,
Modulam tua glória em almos hinos,
Que entre perfumes para os astros voam...
Eis no leito arenoso as vagas dormem,
Rasas cedendo à música divina:
Pio ardor pelas fibras me serpeia,
E encurvado repito os santos versos:

Ó virgem formosa,
Que domas o Inferno,

Criou-te *ab aeterno*
Quem tudo criou.

Ilesa notaste
Do mundo o naufrágio,
Da culpa o contágio
Por ti não lavrou.

Nas tuas virgíneas
Entranhas sagradas,
Do céu fecundadas,
O Verbo encarnou.

A grande vitória
Do género humano
Contra esse tirano
De ti começou.

Depois de lograres
Triunfo completo,
Cumprido o projecto
Que o Céu meditou,

Cresceram nos astros
Os vivos e os cantos,
E as fúrias, os prantos
O abismo dobrou.

Ó virgem formosa,
Que domas o Inferno,
Criou-te *ab aeterno*
Quem tudo criou.

II

MEDEIA

Já de Colcos a fera, ardente maga
Hórridos versos murmurado havia;
Ao som de atroz conjuro e negra praga
Já tinha amortecido a luz do dia;
Já co'a força do encanto
Os implacáveis monstros subjugara
Na feia habitação do eterno pranto,
E à voz terrível, ao potente aceno
A triforme carranca enfim curvara
Do rei das sombras a feroz consorte.
Embebidas num férvido veneno
As roupas nupciais, brilhante ornato,
Em que ia disfarçada, alegre, a Morte,
Instrumentos da raiva e do ciúme,
Punindo a vil traição do esposo ingrato,
O invisível por arte aéreo lume
Pouco a pouco ateavam
Nas lisas carnes da real donzela,
E a preferida, a bela
Miseranda rival desesperavam.
Descendente do Sol, do deus feroso,
Tu, zelosa, frenética Medeia,
Foste colher ao carro luminoso
Ténue, fatal porção da luz febeia;
Talhaste fulvo anel da ígnea trança,
E dele urdiste aspérrima vingança.
Estás desafrentada? Estás contente?
Nas garras da aflição Creusa expira;
Jasão sem alma a sente,
Jasão, que te ofendeu, Jasão delira,
Brama de horror, de angústia desfalece,
E mais que teu furor, teu dó merece.
Eis o envolve, o consterna amargo luto;
Foi falso, foi traidor, foi réu sem fruto.
Que novo crime insólito, execrando,
Que atrocidade insana
Vás contra a Natureza aparelhando?
Poupa os filhinhos, bárbara, inumana,
Poupa os meigos filhinhos.
Eles são inocentes,
Eles inda têm jus aos teus carinhos.
Não vês que, descontentes,
Não vês que, enternecidos,
A teu fado, a teu mal dão mil gemidos,
Soluçam, tremem, choram,

Se lamentam do pai e a mãe deploram?
Oh Céus! No coração da maga horrenda,
Natureza e vingança
Armam fervente, pertinaz contenda:
Ora a ternura, suspirando, amansa
Dos zelos a raivosa tempestade;
Ora de agro despeito
Ao vigoroso impulso
Cede a benigna, maternal piedade.
Enfim do irado peito
Foge, voa, carpindo, Amor expulso.
Eis a mãe (já não mãe) qual impia
Fúria, Medonha e desgrenhada,
Te faz, ó Natureza, atroz injúria.
A tua doce voz em vão lhe brada,
Em vão lhe representa, em vão lhe pinta
Com mimoso pincel, com vária tinta,
Áureos instantes, cenas deleitosas;
Nos meninos gentis em vão lhe aponta
De amor suave as prendas carinhosas.
Co'as imagens brilhantes
Se assanha do divórcio a crua afronta,
Dobra-se a pena, a raiva se requinta.
Já lança mão dos cândidos infantes,
E empunhando mortífero instrumento
Com que a Ternura espanca,
No cerrado aposento
Estas vozes cruéis do peito arranca:
«Longe, afectos piedosos,
Longe, materno amor: estes que eu mato,
São prole de Jasão, são criminosos,
Detestável porção de um peito ingrato.
Morra, mona com eles a memória
Do pérfido consorte.
Justiça, Indignação, dai-me a vitória;
Cessa de murmurar, ó Natureza,
Recebe as tenras vítimas, ó Morte.»
Nisto em chamas do Inferno a maga acesa,
Vibra o férreo punhal contra os mesquinhos,
Lacrimosos filhinhos.
Ao acto de os ferir lhe cai por terra,
Mas a dextra fatal de novo o aferra.
Infância, formosura, a dor e o pranto,
Nada o terrível ímpeto embaraça,
Um após outro os míseros traspassa.
Tu, Ciúme cruel, tu podes tanto!
No horror da morte as vítimas arquejam,
E inda sentindo a filial ternura,
A mãe, o algoz acarinhar desejam.
Ela, mais que rochedos seca e dura,

Denso véu lutuoso
Sobre os rotos cadáveres estende,
E aos olhos tristes do culpado esposo
A triste cena renovar pretende...
Ei-lo, ah!, ei-lo, convulso, arrebatado,
Derruba a porta da lutuosa estância
No liso pavimento ensanguentado:
Ferro mortal brandindo
Corre a Medeia com terrível ânsia.
Ao vê-lo, em novas fúrias se afogueia,
Relâmpagos dos olhos sacudindo,
A torva maga, e súbito meneia
Com rápido sussurro a ténue vara,
Que às longas vestes do perjuro aplica.
Ele treme, ele pára,
Calado, imóvel qual estátua fica.
Porém se perde a voz e o movimento,
Conserva ilesos vista e sentimento.
Logo o fúnebre véu Medeia alçando,
Do falsário Jasão a angústia dobra.
Aponta ao espectáculo nefando,
Mostra-lhe os filhos, e a traição lhe exprobra.
Depois, abominando os ímpios lares,
Teatro de seus hórridos furores,
As soberbas abóbadas atroa
Com mil imprecações, com mil clamores,
E em leve salto se arremessa aos ares,
E pelos ares voa,
De alígeros dragões num cano enorme,
Dádiva de Prosérpina triforme.
Das Górgonas, das Fúrias negro bando
Retorce os olhos, que arremedam brasas,
A segue, e vai correndo, e vai crestando
Com rubro facho ardente ao vento as asas.
Uníssonos alaridos
A sanhuda caterva aos Céus levanta.
E da brutal fereza
O triunfo atrocíssimo decanta.
O Sol na escuridão fica sumido,
Negrêja horrorizada a Natureza,
Montanhas ergue o mar, vulcões a Terra,
Aos sons que o coro estígio desencerra.
E entretanto o misérrimo consorte
Jaz entre os filhos, a lutar co'a morte.

«Triunfe (os monstros clamam,
E a Compaixão suspira),
Triunfe, reine a Ira,
Caia, pereça Amor.

«Teus raios, ó Vingança,
Jamais, jamais se apaguem.
Sempre o altar te alaguem
Ondas de rubra cor.

«Pasmai, tartáreas hidras,
Pasma, infernal tirano;
Inda o furor humano
Transcende o teu furor.

«Da atroz Medeia o nome
Em perenal memória Será do
Averno a glória,
E dos mortais o horror.

«Tropel de acerbos males
O mundo assalte e fira;
Reine, triunfe a Ira,
Caia, pereça Amor.»

III

À MORTE DE INÊS DE CASTRO

*As filhas do Mondego a morte escura,
Longo tempo, chorando, memoraram.*

Camões, *Lusíadas*. Canto 3. CXXXV

A Ulina

Soneto dedicatório

Da miseranda Inês o caso triste
Nos tristes sons, que a mágoa desafina,
Envia o terno Elmano à terna Ulina,
Em cujos olhos seu prazer consiste.

Paixão, que, se a sentir, não lhe resiste
Nem nos brutos sertões alma ferina,
Beleza funestou quase divina,
De que a memória em lágrimas existe.

Lê, suspira, meu bem, vendo um composto
De raras perfeições aniquilado
Por mãos do Crime, à Natureza oposto.

Tu és cópia de Inês, encanto amado;
Tu tens seu coração, tu tens seu rosto...
Ah!, defendam-te os Céus de ter seu fado!

*

Longe do caro Esposo Inês formosa
Na margem do Mondego
As amorosas faces aljofrava
De mavioso pranto.
Os melindrosos, cândidos penhores
Do tálamo furtivo,
Os filhinhos gentis, imagem dela,
No regaço da mãe serenos gozam
O sono da inocência.
Coro subtil de alígeros Favónios
Que os ares embrandece,
Ora enlevado afaga
Com as plumas azuis o par mimoso,
Ora solto, inquieto,
Em leda travessura, em doce brinco,

Pela amante saudosa,
Pelos ternos meninos se reparte,
E com ténue murmúrio vai prender-se
Das áureas tranças nos anéis brilhantes.
Primavera louçã, quadra macia
Da ternura e das flores,
Que à bela Natureza o seio esmaltas,
Que no prazer de Amor ao mundo apuras
O prazer da existência,
Tu de Inês lacrimosa
As mágoas não distrais com teus encantos.
Debalde o rouxinol, cantor de amores,
Nos versos naturais os sons varia;
O límpido Mondego em vão serpeia
Co'um benigno sussurro, entre boninas
De lustroso matiz, almo perfume;
Em vão se doira o Sol de luz mais viva,
Os céus de mais pureza em vão se adornam
Por divertir-te, ó Castro;
Objectos de alegria Amor enjoam,
Se Amor é desgraçado.
A meiga voz dos Zéfiros, do rio,
Não te convida o sono:
Só de já fatigada
Na luta de amargosos pensamentos
Cerras, mísera, os olhos;
Mas não há para ti, para os amantes
Sono plácido e mudo;
Não dorme a fantasia, Amor não dorme:
Ou gratas ilusões, ou negros sonhos
Assomando na ideia, espertam, rompem
O silêncio da Morte.
Ah!, que fausta visão de Inês se apossa!
Que cena, que espectáculo assombroso
A paixão lhe afigura aos olhos da alma!
Em marmóreo salão de altas colunas,
A sólio majestoso e rutilante
Junto ao régio amador se crê subida;
Graças de neve a púrpura lhe envolve,
Pende augusto dossel do tecto de oiro,
Rico diadema de radioso esmalte
Lhe cobre as tranças, mais formosas que ele;
Nos luzentes degraus do trono excelso
Pomposos cortesãos o orgulho acurvam;
A lisonja sagaz lhe adoça os lábios;
O monstro da política se aterra
E, se Inês perseguia, Inês adora.
Ela escuta os extremos,
Os vivos populares; vê o amante
Nos olhos estudar-lhe as leis que dita;

O prazer a transporta, amor a encanta;
Prêmios, dádivas mil ao justo, ao sábio
Magnânima confere;
Rainha esquece o que sofreu vassala:
De sublimes acções orna a grandeza,
Felicita os mortais; do ceptro é digna,
Impera em corações... Mas, Céus!
Que estrondo
O sonho encantador lhe desvanece!
Inês sobressaltada
Desperta, e de repente aos olhos turvos
Da vistosa ilusão lhe foge o quadro.
Ministros do Furor, três vis algozes,
De buídos punhais a dextra armada,
Contra a bela infeliz, bramando, avançam.
Ela grita, ela treme, ela descora;
Os frutos da ternura ao seio aperta,
Invocando a piedade, os Céus, o amante;
Mas de mármore aos ais, de bronze ao pranto,
A suave atracção da formosura,
Vós, brutos assassinos,
No peito lhe enterrais os ímpios fenos.
Cai nas sombras da morte
A vítima de Amor lavada em sangue;
As rosas, os jasmims da face amena
Para sempre desbotam;
Dos olhos se lhe some o doce lume;
E no fatal momento
Balbucia, arquejando: «Esposo! Esposo!»
Os tristes inocentes
À triste mãe se abraçam,
E soltam de agonia inútil choro.
Ao suspiro exalado,
Final suspiro da formosa extinta,
Os amores acodem.
Mostra a prole de Inês, e tua, ó Vénus,
Igual consternação e igual beleza:
Uns dos outros os cândidos meninos
Só nas asas diferem
(Que jazem pelo campo em mil pedaços
Carcases de marfim, virotes de oiro).
Súbito voam dois do coro alado:
Este, raivoso, a demandar vingança
No tribunal de Jove;
Aquele a conduzir o infausto anúncio
Ao descuidado amante.
Nas cem tubas da Fama o grão desastre
Irá pelo Universo.
Hão-de chorar-te, Inês, na Hircânia os tigres;
No torrado sertão da Líbia fera,

As serpes, os leões hão-de chorar-te.
Do Mondego, que atónito recua,
Do sentido Mondego as alvas filhas
Em tropel doloroso
Das urnas de cristal eis vêm surgindo;
Eis, atentas no horror do caso infando,
Terríveis maldições dos lábios vibram
Aos monstros infernais, que vão fugindo,
Já c'roam de cipreste a malfadada,
E, arrependendo as nítidas madeixas,
Lhe urdem saudosas, lúgubres endechas.
Tu, Eco, as decoraste,
E, cortadas dos ais, assim ressoam
Nos côncavos penedos, que magoam:

«Toldam-se os ares,
Murcham-se as flores;
Morrei, Amores,
Que Inês morreu.

«Mísero esposo,
Desata o pranto,
Que o teu encanto
Já não é teu.

«Sua alma pura
Nos Céus se encerra;
Triste da Terra,
Porque a perdeu.

«Contra a cruenta
Raiva ferina,
Face divina
Não lhe valeu.

«Tem roto o seio
Tesoiro oculto,
Bárbaro insulto
Se lhe atreveu.

«De dor e espanto
No carro de oiro
O Númen loiro
Desfaleceu.

«Aves sinistras
Aqui piaram
Lobos uivaram,
O chão tremeu.

«Toldam-se os ares,
Murcham-se as flores:
Morrei, Amores,
Que Inês morreu.»

IV

À MORTE DE LEANDRO E HERO

De horrenda cerração c'roada, a Noite
Surgira há muito da ciméria gruta;
Tapando o longo céu co'as asas longas
Reina cm meio Universo:
Ocupam-lhe os degraus do negro trono
A Tristeza, o Silêncio,
O Medo, a Solidão, o Amor e o Crime;
Voam-lhe em roda lúgubres fantasmas,
Aves sinistras pousam-lhe no grémio.
Eis manso e manso as nuvens se entumecem,
Eis o líquido peso
Rompe os enormes, carregados bojos,
Em torrentes sussurra e cai na terra.
Rebentam furacões, flamejam raios,
O estrondoso trovão no céu rebrama,
O Helesponto nas rochas ferve e ronca.
Tu, abideno amante,
Tu velas neste horror com a saudade,
Já corres insofrido às ermas praias,
Donde é teu uso arremessar-te ao pego,
E, destro nadador, talhando as vagas,
Teus gostos demandar na oposta margem.
Ao longe em celsa torre, estância cara
De Hero, sol dos teus dias,
O brilhante sinal, o amigo lume
(Que é no facho de Amor por ela aceso)
Vês entre as sombras cintilar a espaços,
E como que te acena e te suspira.
Debalde o mar bramindo, o céu troando
Teu ímpeto ameaçam;
Ardem-te na alma os sôfregos desejos,
Fulgurante ilusão, doirando as trevas,
Num quadro tentador te of'rece aos olhos
Glórias a furto, vividos prazeres,
Doces mistérios, que da luz se temem.
A sagaz Esperança
Te reforça, te incita,
Jura aplacar-te o ar, pôr freio às ondas,
Dar-te aos suspiros da suave amada.
Atento à meiga voz, que atraí, que mente,
No montuoso pélago te arrojas.
À queda repentina alteia um grito
O corvo grasnador na dextra parte,
E os Ecos, despertando ao som medonho,
Gemem nas brutas, cavernosas fragas.

O triste agoiro te arrepia as carnes,
Teus cabelos erriça;
Mas prevalece Amor e, expulso o medo,
Forças a equórea, tímida braveza.
Metade já do trânsito afanoso
Indústria e robustez vencido haviam.
Nisto a procela horrísona recresce,
Tingem sombras do Inferno os véus da noite,
Que o súbito relâmpago retalha;
Braveja o mar, aos astros se remontam
Serras e serras de fervente espuma;
Carrancudos tufões arrebatados,
Dobrando a força, a raiva, lutam, berram
E revolvem do pélagos as entranhas;
Rochedo imóvel, aferrado à terra,
Rebate apenas o horroroso assalto...
Ah, Leandro infeliz! Tu já fraqueias,
A destreza, o vigor nas mãos, nas plantas
Já, mísero amador, já te falecem.
Procuras o distante, o caro lume,
Astro benigno, que te influi e guia,
Olhas, vês que te falta,
Que desapareceu, que jaz extinto;
Suspiras, esmoreces,
Da tua doce luz desamparado.
Invocas o grão deus, que rege os mares;
De teus rogos não cura, imoto e surdo.
Invocas de Nereu potente as filhas.
Elas ardem por ti, mas, invejosas
Do objecto encantador que lhes preferes,
Às marítimas fúrias te abandonam.
Hero invocas, e Amor, e os Céus, e a Sorte;
A Sorte é implacável,
Dos males, que dispõe, não se arrepende,
Teus dias sinalou de um termo infausto,
Debalde te auxilia o deus mimoso,
O alado criador de teus suspiros,
Dos amorosos bens, que desfrutaste;
O facho luminoso em vão meneia
Para encurtar-te as sombras,
E mais fácil tomar a undosa estrada;
Em vão com as asas brandas
Tenta arrasar os orgulhosos mares.
Sobre altos escarcéus o Fado escuro
Folga, triunfa e reina;
Punge, ameaça, desespera os ventos,
Enrola a morte nas horrendas vagas.
Ela, pronta a seu mando, ela acomete
O deplorável moço.
Eis dos olhos gentis lhe turva o lume,

O tardo movimento eis lhe sopeia,
Pelas águas o embebe, e de Hero o nome
Do ansioso coração num ai lhe arranca.
Abaixo, acima, co'as cavadas ondas
Vai, vem mil vezes o infeliz mancebo...
Ai! Já sem vida aqui, e ali vagueia
À discrição do mar, e o mar com ele
De Sesto às praias súbito arremete;
Dá contra a torre de Hero, ali rebenta,
E deixa o triste corpo à margem nua.
Tu entretanto, carinhosa amante,
Que fazias (oh, Céus!), que imaginavas?
Solitária, anelando,
Nas trevas espantosas,
Nos soltos ventos, alterosos mares
Lias de feio azar presságios feios.
Em torno à viva luz que vigiavas
(Que em raro véu com arte envolto havias,
Resguardando-a dos ares indignados),
Em torno à viva luz eis de improviso
Negro insecto voou, zuniu três vezes,
E à terceira apagou a esperta chama
(Foi no ponto funesto em que o mancebo
Com teu nome adoçou o extremo arranco);
Do repentino assombro espavorida,
Atónita, convulsa
O agoirado clarão não renovaste.
Em ânsias implorando os Deuses todos,
E mais que todos o que em ti reinava,
A bem do afoito, desvelado amante,
Ao Númen indulgente, à Mãe piedosa
Mil incensos, mil vítimas votaste.
Depois, cevando a revoltosa ideia
Em terríveis imagens,
Ora do moço audaz o usado arrojo
Reprovas contigo,
Ora a cega imprudência maldizias,
Com que em tão desabrida horrível noite
A perigosa senha aventuraras...
Ah, triste! Contra ti não te conjures:
Foi lei dos fados a imprudência tua.
Hero, desanimada,
Metida em profundíssimo letargo,
Jaz sem tino e sem voz, até que aponta
A purpúrea manhã no céu já ledó.
Farto o cruel Destino,
Adelgacera os ares,
Ao pego a mansidão restituíra,
Depois que a terna vítima saudosa
Foi sufocada nas voragens feras.

Ele, o duro opressor dos desditosos,
Ele do almo prazer, que os dois gozaram,
Está vingado em parte, e da vingança
À Desesperação comete o resto.
Hero, ah, Hero infeliz! Tu pelas águas
Húmida vista, suspirando, alongas.
Não vês o nadador por quem desmaias,
O teu bem não flutua Pelas ondas desertas.
Eis a consternação te inclina os olhos
À pedregosa areia
Onde o desventurado está sem alma.
Que vista! Que terror! As alvas carnes,
Rotas nas rochas pelo embate undoso,
Inda gotejam sangue; aberta a boca,
Parece que inda quer, que inda procura
Chamar-te, ó Hero, murmurar teu nome.
No espectáculo horrendo,
Mísera, tu reparas;
Tu... Céus!, Não lhe acudis?! Tu reconheces
O querido semblante, o corpo amado,
Entre as sombras da morte inda formoso:
Com palidez, que a pinta.
Gritas, arquejas, desesperas, fremes,
Deitas as mãos de neve às tranças de oiro,
E as tranças de oiro, delirando, arrancas.
Levada enfim de um ímpeto raivoso
Te arremessas da torre, e dás e entregas
O teu ai derradeiro ao mudo amante.
Lá jazem sobre a areia lutuosa
As vítimas do Fado;
Nas angústias mortais a linda moça
Inda, estendendo os amorosos braços,
Tenta apertar o suspirado objecto.
Apiedados delfins nas ondas surgem,
E altos sons (oh, prodígio!) derramando,
Lamentam junto à praia o duro caso:
As mesmas ninfas invejosas de Hero
Soluçam de pesar nos vítreos lares.
Um marmóreo padrão se erige em breve;
Compadecidas mãos a história triste
Gravam na lisa pedra; a pedra existe,
Mas o monstro voraz que rói penedos,
Comendo em parte a fúnebre escritura,
Só deixa soletrar-lhe
O remate piedoso,
Em meus piedosos versos trasladado:
Carpido ao som da lira
Inda agora de ouvi-lo Amor suspira.

Aos dois amantes

De Abido e Sesto
Ardor funesto
Deu negro fim.

Foram-lhe algozes
Os seus extremos;
Mortais, amemos,
Mas não assim.

V

NO DIA NATALÍCIO DA SERENÍSSIMA PRINCESA D. MARIA TERESA

(Recitada no Teatro da Rua dos Condes em 9 de Abril de 1800)

Milagroso pincel, pincel divino,
Que, os séculos transpondo,
Estendes pelo véu da eternidade
Teus quadros majestosos;
Vida sem morte, resplendor sem noite,
Ao ente humano, graduado em nume,
Nova existência, doação das Musas!
Milagroso pincel, pincel divino,
Com teu vário fulgor, com teus matizes
Ao Letes se arrebatava
O jus terrível de sorver memórias.
Do vate a prepotência
Comete, arromba do vindoiro as portas,
Aos mistérios fatais a névoa rompe,
E doutro Sol mais puro
Atrai para a virtude amenos dias.

Quando flamejas,
Estro sagrado,
Sombras do Fado
Sofrem clarão.

Roubas portentos
Do arquivo eterno,
E até no Averno
Domas Plutão.

Acelerando os voos,
Meu rápido, fervente, alado génio,
No sem medida espaço
O monstro alcança, tragador das eras,
Dos tempos a corrente empolga, ousado;
Inúmeros fuzis de feno e de oiro
Tenta, palpa, examina,
E em vasta série de amorosos dias
Escolhe o mais brilhante;
Desata um dia, enfim, que raro ou novo,
Namore a Natureza, os Céus namore,
E aos mortais se afigure
Brando sorriso, com que Jove os honra.
Linda, real Maria,
Este é teu áureo dia.
Outros por lei comum, por lei constante

Se espraíam sobre o mundo;
Teu dia mais cuidado aos Céus merece,
Teu dia em modo estranho aclara o globo.
Musas, Graças, Virtudes
De rosas imortais c'roado o sobem
Ao carro, ao grémio da orvalhante Aurora.
A amada de Titão fastosa o guia,
Brinda com ele a Natureza ufana;
E o brilho desusado,
Que a vítrea superfície ao Tejo esmalta,
Chama o cerúleo nume à flor das águas.
Em cândido tropel das lapas surgem
As Tágides mimosas;
Fervendo a fofa espuma em torno delas,
Como que sente o preço
Dos virginais tesouros,
Dos tesouros de amor, em parte avaros.
Eis no esplendor que vestem
O pólo, a terra, as ondas,
O ledó, níveo coro embebe os olhos;
Eis desenfreia a voz, que enfreia os Euros,
E em mágicas torrentes de harmonia
Os corações se perdem.
Qual o Ismário cantor, prole febeia,
Em árvores, em rochas
Em tigres, em leões reinou co'a lira,
Ou sobre Ausónia cena
Quais, Crescentini, teus milagres soam,
Assim do pátrio Tejo as filhas belas
Urdem, modulam versos
Ao natal de Maria,
De João, de Carlota ao régio fruto,
Às primícias gentis de amor sagrado:
Como que inda, enlevado
De assombro, de prazer, tais sons escuto:

«Salvé, formoso dia,
Tão doce à Natureza,
Que vales a pureza
Do Olímpico fulgor!

«O Tempo em honra tua
Das asas se despoja,
E quebrantado arroja
O ferro assolador.

«Sempre, de ti vaidoso,
Deixando os cíprios lares,
De Lísia sobre os ares
Brinque, triunfe Amor.

«Vão sempre os teus instantes
De bens a bens voando,
Como Favónio brando
Voa de flor em flor.»

Obra digitalizada e revista por José Barbosa Machado. Actualizou-se a grafia.

© Projecto Vercial, 2003

<http://www.ipn.pt/literatura>
